

ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE: DIÁLOGOS (IM) POSSÍVEIS?

Jaqueline dos Santos Batista-Soares

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Mestranda em estudos. linguísticos.

E

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a interdisciplinaridade entre a Psicanálise e a Linguística, enfocando a Escola francesa de análise do discurso, fundada por Michel Pêcheux. Essa escola de análise do discurso foi o primeiro campo da linguística a se apropriar dos estudos da Psicanálise, sobretudo, os estudos de Lacan sobre o sujeito. As reflexões aqui propostas neste trabalho foram desenvolvidas a partir de Michel Pêcheux e de produções atuais de psicanalistas ou de linguistas.

Palavras-chave: Análise do discurso. Psicanálise. Freud. Sujeito.

1. Introdução

Neste trabalho, propomos uma reflexão acerca da interlocução entre análise do discurso e psicanálise, por considerarmos que o papel do sujeito e do inconsciente faz parte da constituição histórica dos discursos que circulam (de modo inconsciente) na sociedade, através de uma formação discursiva em uma conjuntura dada.

Para tanto, nossas considerações serão fundamentadas pelas propostas dos autores mencionados, com o objetivo de traçar um percurso teórico a respeito das questões relativas ao sujeito para a análise do discurso e para a psicanálise. O que nos suscitou o desejo de buscar as possíveis articulações que evidenciem o diálogo entre as duas disciplinas foi o fato de percebermos que as correntes mais contemporâneas do discurso, de abordagem francesa, tenham se distanciado um pouco das questões relativas ao inconsciente e à historicidade da língua e do discurso. Essas questões consideramos centrais na constituição dos imaginários

e discursos que permeiam a sociedade, sobre os quais a língua oferece, por meio de seu léxico, a materialidade, seja por meio dos gêneros textuais ou por manifestações enunciativas nas mais variadas formas. Acrescentamos, ainda, o fato da necessidade de elaborar nossa concepção teórica acerca da temática que se constitui como assunto fundamental em nossas pesquisas.

2. A emergência da análise do discurso

Os constructos da análise do discurso tiveram início na década de 1960, na França. Ela se constituiu no espaço de questões criadas pela “relação entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2010, p. 19). Nesse contexto, Michel Pêcheux lançava os fundamentos para uma teoria materialista do discurso, trazendo mudanças importantes no campo da linguística. Pêcheux foi influenciado, de modo relevante, pelo marxismo, e sua teoria se confluía com os acontecimentos políticos que, notadamente, marcavam a sociedade: a luta de classes, a história e os movimentos sociais.

Nessa época, a teoria pecheutiana trazia relações explícitas com os postulados de Althusser – o que pode ser explicado pelo fato de Pêcheux ter sido seu aluno – sobretudo no que se refere ao assujeitamento radical, ou seja, pelas considerações acerca da interpelação ideológica do indivíduo. Em tal concepção, o indivíduo torna-se sujeito somente após ser interpelado pela ideologia. No entanto, após uma relativização acerca da interpelação total do sujeito, possibilitada por uma aproximação de Pêcheux (1988) com as propostas focaultianas, Pêcheux redefine alguns conceitos que se tornam clássicos à análise do discurso, a saber, o conceito de Formação Discursiva. Para Pêcheux, uma Formação Discursiva, funcionando no interior de um interdiscurso, limita os dizeres dos sujeitos. De acordo com Orlandi (2010):

[...] a formação discursiva se define como aquilo que em numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. [...] As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando pelo já dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra (ORLANDI, 2010, p. 43-44).

Pêcheux propõe, como dissemos anteriormente, uma relativização do assujeitamento radical – pois, em vez de serem interpelados pela ideologia, os indivíduos passam a ser interpelados pelas formações discursivas que determinam “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 161) em uma conjuntura dada. Diante disso, está posta para a análise do discurso a questão do sujeito.

3. A questão do sujeito em Análise do discurso e na Psicanálise

Pêcheux buscou uma aproximação teórica com a Psicanálise, introduzindo questões que poderiam constituir uma relação entre a ideologia e o inconsciente. No entanto,

[...] não podemos mascarar por meio de fórmulas a ausência, cujo peso é grande, de uma articulação conceptual elaborada entre *ideologia e inconsciente*: estamos ainda no estágio dos “vislumbres” teóricos penetrando a obscuridade; e o presente estudo limitar-se-á a designar certas conexões, cuja importância pode ter sido subestimada, sem pretender, de modo algum, colocar verdadeiramente a questão mesma que governa a relação entre essas duas categorias. Contentar-nos-emos em observar que o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia e inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”* [...] nas quais se constitui o sujeito. (PÊCHEUX, 1988, p. 152-153 - grifos do autor).

É possível perceber que o autor considerava que tanto o inconsciente quanto a ideologia ocultam sua existência na constituição do sujeito e dos sentidos, possibilitando com isso um modo de atenuar a consideração althusseriana de interpelação total dos indivíduos, já que “o sistema é frouxo” (POSSENTI, 2003, p. 32), e, portanto, admite falhas. Para o autor, a ideologia e o inconsciente mascaram, sob a “transparência da linguagem”, a materialidade dos sentidos e dos enunciados, produzindo, com isso, efeitos de sentidos. Fica evidente que o sujeito seria, então, um efeito de sentido, considerado na sua subjetividade.

Evidentemente, mas guardadas as devidas proporções, entendemos que pensar em uma interlocução entre a análise do discurso e a psicanálise não significa que deixamos de considerar suas especificidades e que sua atuação se ocupa do discurso em

análise. Mas essa interlocução pode ser entendida como uma forma de amplificação das duas disciplinas, e a relação dialética da psicanálise com a análise do discurso pode ser possível ao considerarmos o inconsciente, entendido como uma categoria de análise no domínio da psicanálise, e o interdiscurso em sua materialidade histórica, uma categoria discursiva fundadora da análise do discurso.

Para Orlandi (2010, p. 34) “[...] o interdiscurso é da ordem do saber partilhado, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer” [...]. Diante disso, fica evidente que o interdiscurso mobiliza, ao mesmo tempo, o que é inconsciente, pois existe um apagamento enunciativo; o que é universal, em função dos “já ditos”; e o que é particular, já que os sentidos emergem de um contexto enunciativo no qual o sujeito está inscrito.

A possibilidade dessa aproximação decorre da conceitualização de interdiscurso. Ao discorrer sobre as reflexões propostas por Orlandi (2010), Soares (2014) considera que o interdiscurso pode ser

[...] entendido como uma memória discursiva, [...] marcado pela ideologia e por posições relativas ao poder, se apropriando dos significados já internalizados pelos sujeitos de forma inconsciente e sem seu controle, os significados por sua vez são constituídos por camadas de enunciados de outros momentos ou lugares, em dada condição de produção. No interdiscurso, as relações de sentido são afetadas por uma **memória em esquecimento**, que o estrutura de forma opaca [...] (SOARES, 2014, p. 53, grifos nossos).

Já segundo Cohen (2008), a relação dialética entre os estudos da linguagem e a psicanálise deve ser pautada por três eixos: o discursivo, em termos de materialidade histórica; o linguístico *stricto sensu*, as forma da língua e, ainda, o universalista, que se refere ao mundo das coisas, o que remete aos sentidos pré-construídos¹. A autora enfatiza que a contribuição de Pêcheux aos estudos da linguagem repousa, sobretudo, no que se refere à perspectiva de tratamento da linguagem, abrindo caminho para o produto da linguística da fala que:

[a partir de] uma concepção de sujeito em que o que menos importa é sua codificação linguística, mas seu engendramento naquilo que as pessoas comunicam quando falam, partindo de um desejo, que muitas vezes não se evidencia claramente nem ao próprio falante, assujeitado que está ou a uma ideologia ou a outras forças (COHEN, 2008, p. 225).

1 Pêcheux (1988, p. 162) o sentido pré-construído é determinado na estrutura do interdiscurso, materializado em uma formação discursiva, e consiste em compreendermos que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independente”.

Desse modo, Pêcheux introduz fecundamente o sujeito em “sentido lato”, “não- linguístico” ou “não-gramatical”, “correspondente parcial no que considera como locutor, ou o da enunciação, aquele que toma posição nos seus enunciados” (COHEN, 2008, p. 227), interpelado por uma ideologia ou pelo pré-construído, que impõe e constrói a realidade dos sentidos por meio do interdiscurso em uma formação discursiva, podendo o sujeito se rebelar e produzir um contradiscurso ou assujeitar-se consensualmente.

De acordo com Cohen (2008), Pêcheux contribui para a reflexão acerca da aproximação entre a Análise do discurso e a Psicanálise, na medida em que relaciona o Sujeito, sobre o qual teoriza, com o Outro de Lacan, recorrendo para isso ao “aforismo lacaniano” que considera o inconsciente como o discurso do outro, a fim de ligar os conceitos de recalque inconsciente da Psicanálise ao de assujeitamento ideológico (COHEN, 2008), conforme proposto em sua teoria.

Para Paveau (2008), os estudos linguísticos, na modernidade, bem como a Psicanálise enfatizam a subjetividade com certa consciência do presente, evidenciada pelo discurso, considerando as contradições e complexidades inerentes à linguagem e ao sujeito. A autora pontua que a complexidade do sujeito e suas contradições mobilizam seus desejos, tornando dizível uma realidade impregnada de efeitos ideológicos e não conscientes (PAVEAU, 2008, p. 23). Porém, afirma que, atualmente, a análise do discurso praticada na França “perdeu a dimensão do inconsciente”, assim como, ao “desmarxizar-se” (PAVEAU2008, p. 28), deixou a materialidade histórica.

Diante da afirmativa da autora, é suscitado em nós o desejo de compreender como percorrer um caminho inverso na busca por um elo metodológico que estabeleça, de fato, um diálogo interdisciplinar entre a Análise do discurso e a Psicanálise.

Com efeito, a afirmativa de Paveau (2008) nos direciona às considerações que colocam em relevo a retomada de um sujeito perpassado ou atravessado por uma historicidade que o constitui no seu fazer discursivo. Nessa direção, Possenti (2003), ao tratar sobre a inscrição do sujeito na interpretação das piadas, observa:

[...] o sujeito em seu trabalho interpretativo, precisa coincidir com outros, mas por seu trabalho; e a coincidência se perde se, por exemplo, se tratar de sujeitos afásicos ou, eventualmente, se não partilham

da mesma memória – estrangeiro etc. Por outro lado, Freud deixa claro que, se é verdade que uma piada é encontrada (e não feita), ela também exige que seu autor saiba que está fazendo exatamente uma piada – ou seja, a posição de sujeito não importa apenas pelo viés de como a piada nasce, mas também de como ela circula, como é recebida e como afeta os outros. Ora, então, não é só o inconsciente que funciona, embora ele não possa ser dispensado. E torna-se necessário separar o que um sujeito sabe do que ele não sabe, e, no mesmo gesto, o que é partilhado também tem relevância (POSSENTI, 2003, p. 32).

Diante da reflexão proposta por Possenti, é possível admitir que uma evidência do diálogo entre a Análise do discurso e a Psicanálise possa se admitir considerando os aspectos de constituição histórica do sujeito. E nesse sentido, “Freud (...) ajudou mais do que Lacan e sua soberania do significante, porque este tende a esquecer a história que aquele faz funcionar a todo o instante” (POSSENTI, 2003, p. 31).

Corroborando com a análise do discurso proposta por Pêcheux, em **O sujeito da psicanálise: de Freud a Lacan**, Cabas (2009), ao discorrer sobre a questão do sujeito, assunção subjetiva e a subjetivação, afirma:

[...] tanto a operação de tornar consciente o inconsciente quanto a dita assunção equivalem a um trabalho de reconstituição, melhor de reconstrução. O tratamento analítico é uma reconstrução da história do sujeito; uma reconstrução que deve necessariamente incluir a perspectiva que essa questão – aloja no mais íntimo do seu ser – imprime à experiência vivida. (CABAS, 2009, p. 147).

Ora, pode-se questionar a articulação da afirmação de Cabas e sua importância na legitimação da reflexão proposta nesse trabalho, uma vez que o autor discorre sobre as noções de sujeito no discurso analítico. Entretanto, a pertinência dessa consideração repousa no fato de que os fundamentos da análise psicanalítica objetivam uma reintegração do sujeito à sua história, porém de modo que superem uma história de dimensões individuais. Todavia não ignoramos que a história de um sujeito é sempre particular.

Em consonância com a importância dos aspectos históricos na constituição do sujeito, Moraes (2015) retoma o conceito de historicidade radical do discurso, conforme proposto por

Maingueneau (2007), no qual a “história [deve ser] levada às últimas consequências na conformação da subjetividade humana” (MORAIS, 2015, p. 48). Nessa perspectiva, o sujeito, assim como na proposta de Cabas (2009), deve ser compreendido em uma relação causal/não linear entre linguagem e história, opondo-se às perspectivas matemáticas ou biológicas no modo de sua concepção (MORAIS, 2015).

Como a relação entre o que é linguístico e o que histórico é concebida de modo não linear, consideramos que nesse processo de constituição do discurso ocorre um apagamento do “já dito”, em função da não linearidade histórica que envolve a emergência dos enunciados que circulam em determinada sociedade em uma formação discursiva, que limita o que pode ser dito. Tal procedimento pode ser entendido como o interdiscurso, ou seja, uma memória discursiva.

4. Considerações finais

Neste trabalho, nos propomos uma reflexão teórica acerca da relação existente entre Análise do discurso e Psicanálise.

Evidentemente, esse exercício reflexivo não esgota todas as possibilidades de pensar em um movimento que privilegie a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Há muitas outras questões que, ainda, permanecem obscuras nessa interlocução.

Nossa busca por uma interdisciplinaridade não ignora que a Psicanálise tem seu campo específico, centrada nas questões relacionadas à análise clínica, privilegiando o discurso desse domínio. Entretanto, a relação entre discurso e inconsciente que atravessam o sujeito pode se constituir como pontos convergentes, possibilitando uma amplificação do conhecimento acerca desses domínios.

Ficou evidente que para a Análise do discurso, nas abordagens propostas, importam as questões relativas ao sujeito, ao inconsciente e sua materialidade histórica, ainda que as concepções mais contemporâneas, conforme bem pontuou Paveau (2008) em um movimento “externalista”, tenham se afastado da materialidade da língua, se ocupando da interação entre os sujeitos de um ato comunicacional.

DISCOURSE ANALYSIS AND PSYCHOANALYSIS: (IM) POSSIBLE DIALOGUES?

ABSTRACT

This article aims at reflecting upon the interdisciplinarity between Psychoanalysis and Linguistics, focusing the French school of discourse analysis founded by Michel Pêcheux. This school of discourse analysis was the first linguistic field to appropriate itself of the Psychoanalysis studies, especially Lacan studies regarding the subject. The reflections presented in this work have been developed from Michel Pêcheux (1988) and present productions developed by psychoanalysts or linguists.

Keywords: Discourse analysis. Psychoanalysis. Freud. Subject.

REFERÊNCIAS

CABAS, C. G. A. Assunção subjetiva. In: CABAS, C. G. A. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan** – da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 140-54

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Núcleo de análise do discurso. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

COHEN, Maria Antonieta. A questão do sujeito e algumas articulações possíveis: análise do discurso e psicanálise. In: LARA, Glaucia M.P. et al. (Org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, 2008. v.1, p. 219-229.

MORAIS, Argus R. A. de. **O pensamento inatingível: discurso, cognição e metáforas emergentes**. 2015. 249f. Tese (Doutorado em estudos linguísticos). UFMG, Belo Horizonte.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2010.

PAVEAU, M. A. **O redemoinho de palavras**: análise do discurso, inconsciente, real, alteridade. Disponível em:

<www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a01.pdf> Acesso em: 23 abr. 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Unicamp, 1988. Parte III, p. 143-185.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, número especial, p. 27-35, 2003.

SOARES, J. S. Batista. **A construção identitária das manifestações na mídia impressa**: procedimentos argumentativos e referenciais. 2014. 102 f. Monografia (Graduação em letras) – UEMG, Ibirité.

Recebido em: 24/06/2015

Aceito em: 23/11/2015

FILOSOFIA E LITERATURA